



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 15/01/2021

GLOBAL	2
OIE En 2020 creció el número de brotes de PPA.....	2
CHINA	2
Importaciones de carnes alcanzan casi 10 millones de toneladas en 2020	2
BRASIL	3
Mercado de hacienda en alza por presión de la demanda.....	3
Récord en las exportaciones de carnes bovinas de 2020	3
Caen los embarques hacia los países árabes	4
Cambios sectoriales de la última década	4
Buenas perspectivas presentan las exportaciones agropecuarias	5
Acrimat : Balance y perspectivas	5
Mejor momento para las exportaciones de proteínas animales quedó atrás	6
URUGUAY	6
La venta de carne bovina a China bajó 26,7% en 2020.....	6
Presentan serie de medidas para la prevención frente a la covid-19 en frigoríficos	7
Adoptan más medidas de prevención en frigoríficos.....	7
Partió barco con ganado en pie hacia Turquía y otro a China	8
Primer embarque de carne bovina llega a Arabia Saudita	8
Piden ingreso de lenguas a JAPÓN y ampliar cuota en ESTADOS UNIDOS	9
Negocio de corral con perspectivas “poco auspiciosas” para el primer semestre de 2021	10
MGAP solicitó a China levantar suspensión a Frigorífico Lorsinal y Casa Blanca	10
Cuáles fueron las 30 actividades de promoción de las carnes uruguayas en el mundo	10
PARAGUAY	10
Frigoríficos vuelven a subir los valores de las haciendas gordas	10
UNIÓN EUROPEA	11
Analizan otorgar incentivos a los producción bajas en emisiones de Carbono	11
Crece el brote de peste porcina en Alemania.....	11
ESTADOS UNIDOS	12
Caen precios a futuro por la evolución del maíz	12
Las exportaciones cárnicas de EE.UU. siguieron creciendo en noviembre según la USMEF.....	12
Ganaderos tendrán un escenario más favorable en 2021	12
CHILE: AFIRMAN QUE REINGRESO DE CARNE COLOMBIANA DARÁ MÁS COMPETITIVIDAD AL MERCADO	13
EMPRESARIAS	14
Gigante canadiense Couch-Tard evalúa la compra de Carrefour	14



GLOBAL

OIE En 2020 creció el número de brotes de PPA

11/01/2021

La peste porcina africana (PPA) sigue avanzando en Europa. En 2020, el número de casos entre jabalíes ha aumentado, pero el número de brotes en granjas porcinas ha disminuido. Esto es evidente a partir de cifras de la Comisión Europea. La Organización Mundial de Sanidad Animal habla de un "grave deterioro". En 2020 se notificaron un total de 11027 casos de jabalíes. En 2019, fue de 6.407. Ese número aumentó en 4.620 el año pasado. Polonia se lleva la palma; allí el contador el 30/12/2020 fue de 4.070 casos entre jabalíes. Hungría le sigue con 4.001.

El número de casos de peste porcina africana entre los cerdos de granja ha disminuido de 1.908 en 2019 a 1.204 en 2020. La mayoría de los brotes entre los criadores de cerdos se produjeron en Rumania; se realizaron 1053 informes, seguidos por los polacos con un número mucho menor, 103.

La Organización Mundial de Sanidad Animal (OIE) escribió en su reciente informe de diciembre de 2020 que se están produciendo brotes nuevos o en curso en 23 países o áreas. Ocho de ellos están ubicados en Europa e incluyen Alemania, Letonia, Moldavia, Polonia, Rumania, Rusia, Serbia y Ucrania. Doce están en Asia: República Popular de China, India, Indonesia, República Popular Democrática de Corea, República de Corea, Laos, Myanmar, Papua Nueva Guinea, Filipinas, Rusia, Timor Oriental y Vietnam. Y cuatro en África, Namibia, Nigeria, Sudáfrica y Zambia.

Durante los últimos cinco años, la OIE ha recibido informes de 60 países, el 30% de los Estados Miembros, sobre brotes de peste porcina africana.

"El patrón de distribución mundial de la peste porcina africana durante este período (diciembre de 2020) muestra un grave empeoramiento debido a la propagación de la enfermedad, principalmente en Europa y Asia, después de la primera aparición en China en 2018", dijo el informe internacional. OIE dice a través de su Comité Directivo Global que debería fortalecer las alianzas regionales en la lucha contra las enfermedades animales transfronterizas.

La OIE también advirtió a los miembros que manejen el comercio porcino de acuerdo con prácticas de higiene adecuadas de acuerdo con las normas internacionales, para no convertirse en una fuente de infección. También pidió a los Estados miembros que intensifiquen las medidas de bioseguridad y mantengan a los cerdos domésticos alejados de los jabalíes.

La peste porcina africana es una enfermedad viral que amenaza tanto a los cerdos domésticos como a los jabalíes con una alta tasa de mortalidad, pero no afecta a los humanos.

A partir de 2016, el mundo ha visto 32.265 brotes de PPA con un total de 832.698 casos. Los cerdos criados para los mercados comerciales representaron 14.327 brotes, dejando 10,1 millones de cerdos susceptibles a la enfermedad. Se ha matado a 8,2 millones de cerdos para combatir la enfermedad.

Los 17.938 brotes adicionales involucraron jabalíes, con 30.634 animales adicionales infectados con AFF desde que comenzó la enfermedad endémica actual.

Por: ESTADÃO CONTEÚDO 12/01/2021

De acordo com a organização, 23 países na Europa, Ásia e África registraram ocorrências

A Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) informou que 114 novos surtos de peste suína africana foram notificados no mundo entre os dias 25 de dezembro e 7 de janeiro, ante 218 casos verificados no levantamento anterior.

O número total de surtos em andamento subiu de 7.865 para 7,927, sendo 4.228 surtos somente na Romênia e 1.336 no Vietnã. Dos novos surtos, 74 foram notificados na Europa e 40 na Ásia. Os dados constam de levantamento quinzenal divulgado pela OIE. De acordo com a organização, surtos novos ou em andamento foram registrados em 23 países.

Na Europa, Alemanha, Letônia, Moldávia, Polônia, Romênia, Rússia, Sérvia e Ucrânia ainda apresentam a incidência da doença. Na Ásia, China, Índia, Indonésia, Coreia do Norte, Coreia do Sul, Papua Nova Guiné, Laos, Mianmar, Filipinas, Rússia, Timor Leste e Vietnã têm casos em andamento. Já na África, Namíbia, Nigéria, África do Sul e Zâmbia reportam a presença do vírus. No período de cobertura do levantamento, foram notificadas perdas de 328 animais na Romênia, 90 na Rússia e 39 na Ucrânia.

CHINA

Importaciones de carnes alcanzan casi 10 millones de toneladas en 2020

Fonte: Agência Safras. This post was published on 14 de janeiro de 2021

A China importou 9,91 milhões de toneladas de carne em 2020, com um aumento de 60,4% sobre 2019. Os números são da Administração Geral das Alfândegas do país asiático.



A China se tornou o principal consumidor mundial de carne no ano passado, devido à queda na produção de carne suína, devido aos efeitos da peste suína clássica.

As importações de dezembro cresceram 24% na comparação com novembro, passando de 775 mil para 964 mil toneladas.

BRASIL

Mercado de hacienda en alza por presión de la demanda

Por: Denis Cardoso 14/01/2021

Preço da arroba pode firmar ainda mais, porque a entrada de gado com terminação a pasto atrasará neste ano por causa da irregularidade das chuvas no final de 2020

O forte ritmo das exportações de carne bovina neste começo de 2021, associado à firmeza do dólar frente à moeda brasileira, tem estimulado as compras de boiada gorda nas principais regiões de pecuária, relata a IHS Markit. Com isso, nesta quinta-feira (14/1), os preços da arroba bovina subiram novamente em algumas importantes praças do País.

Foi o caso de São Paulo, onde o animal terminado abriu o dia valendo R\$ 285/@ (valor bruto e à vista), um reajuste de R\$ 3/@ na comparação o preço de quarta-feira, segundo apurou a Scot Consultoria. Dados levantados pela IHS Markit indicam que o valor máximo do boi gordo chegou a R\$ 291, a prazo, na região Noroeste de São Paulo. No Norte de Mato Grosso, informa a Scot, a cotação do boi gordo apresentou forte acréscimo diário de R\$ 8/@ nesta quinta-feira, para R\$ 263/@ (preço bruto e à vista).

Segundo a IHS, no interior paulista, a demanda dos frigoríficos é puxada pela enorme dificuldade na compra de animais no mercado local. “Muitas indústrias de São Paulo estão buscando gado em Estados vizinhos na tentativa de adquirir matéria-prima a preços mais competitivos”, relata a consultoria.

Na avaliação da IHS, as sucessivas altas nas indicações de compra no decorrer da semana possibilitaram uma modesta melhora na composição das escalas de abate entre algumas plantas frigoríficas do País. No entanto, observa a consultoria, a oferta de animais terminados que chega ao mercado ainda é oriunda de lotes residuais de confinamentos, visto que a entrada de gado com terminação a pasto atrasará neste ano devido a irregularidade das chuvas ao final de 2020.

Para piorar o quadro de oferta de boiadas, há um desestímulo dos pecuaristas em relação à atividade de terminação de animais no cocho, devido aos altos preços das rações, puxados pelas disparadas nas cotações do milho e da soja.

Porém, com o retorno das chuvas em janeiro, os pastos começam a ganhar vigor e isso deve colaborar para melhorias no ganho de peso dos animais no decorrer das próximas semanas, prevê a IHS. Portanto, no curtíssimo prazo, alguns pecuaristas devem segurar a oferta de lotes, esperando ganhos mais expressivos lá na frente.

Giro pelas praças

No Mato Grosso, os preços do boi gordo reagiram nesta quinta-feira devido à forte demanda para exportação e à procura por parte de compradores de gado de outros Estados brasileiros, relata a IHS.

No Paraná, novos negócios só evoluíram nesta quinta-feira mediante a alta nos preços dos animais terminados.

Em Tocantins e Rondônia, as indústrias locais operam com escalas de abate apertadas e com capacidade operacional muito ociosa, o que ressalta a atual dificuldade do setor produtivo em encontrar boiadas prontas.

Estabilidade no atacado

No mercado atacadista brasileiro, os preços dos principais cortes bovinos se mantêm estáveis. O aperto nos estoques de carne, associado ao maior ritmo das vendas externas, deve garantir suporte aos preços dos cortes bovinos, apesar da chegada da segunda quinzena de mês (período de menor poder aquisitivo da população) e da queda nos preços das carnes concorrentes.

Récord en las exportaciones de carnes bovinas de 2020

Fonte: Valor Econômico. This post was published on 11 de janeiro de 2021

As exportações de carne bovina do país (in natura e processada) alcançaram 2,016 milhões de toneladas e renderam US\$ 8,4 bilhões em 2020, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) compilados pela Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo). Os resultados recorde, garantidos pela forte demanda da China, representaram aumentos de 7,5% e 10,5% em relação a 2019, respectivamente. Essas marcas foram alcançadas apesar da queda dos embarques em dezembro. De acordo com a entidade, no mês o volume das vendas alcançou 168,2 mil toneladas, 3,3% menos que em dezembro de 2019, e a receita caiu 11,5%, para US\$ 741 milhões.

Em todo o ano passado, as exportações para China e Hong Kong somaram 1,183 milhão de toneladas (58,6% do volume total), ou US\$ 5,1 bilhões (60,7% da receita total). O segundo maior destino dos



embarques foi o Egito (128 mil toneladas, queda de 23%), seguido pelo Chile (90,4 mil toneladas, queda de 18,2%) e pelos EUA (59,5 mil toneladas, alta de 53,8%).

“Para 2021, esperamos a manutenção do ritmo comprador da China e alguma elevação nas importações por parte da União Europeia, dos países árabes e de novos mercados, com a melhoria da situação econômica mundial graças ao início da vacinação contra a covid-19 e a volta do consumo na alimentação fora de casa. O acréscimo previsto é de 5%”, informou a Abrafrigo, em comunicado.

Caen los embarques hacia los países árabes

Fonte: ANBA. This post was published on 12 de janeiro de 2021

Os três principais países árabes compradores de carne bovina brasileira tiveram queda no volume importado em 2020, frente a 2019. No ano, o Egito foi o segundo maior comprador de carne bovina brasileira, com 127.953 toneladas. O volume, no entanto, representou queda de 23% em relação a 2019. A Arábia Saudita, sexto no ranking geral, com 41.067 toneladas, também teve queda de 4,4% no volume comparado a 2019. Na sequência estão os Emirados Árabes Unidos, com 40.860 toneladas, queda de 44,2% no volume comprado em 2020 frente ao ano anterior.

Os dados foram divulgados pela Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo) nesta sexta-feira (08), a partir da compilação de informações da Secretaria de Comércio Exterior (Secex/Decex) do Ministério da Economia. Para 2021, a associação espera que haja crescimento nas importações de mercados como o dos países árabes. Para isso, a Abrafrigo aposta na melhora da economia mundial impulsionada pelo início da vacinação contra a covid-19. No total, o crescimento previsto para as exportações de carne bovina brasileira é de 5%.

No total, as exportações de carne bovina do Brasil ultrapassaram 2 milhões de toneladas no ano. O número é recorde no setor, e o resultado foi um crescimento de 8% em volume e de 11% na receita do ano passado frente a 2019.

A China, somando as compras pelo continente e pela cidade estado de Hong Kong, foi a grande responsável pelo recorde, importando sozinha 1.182.672 toneladas. A receita gerada foi de US\$ 5,1 bilhões, o que significou aumento nas compras de 58,6% em volume e de 60,7% na receita obtida com as compras do produto brasileiro.

No mês de dezembro, o volume exportado pelo Brasil foi de 168.156 toneladas, 3% menor do que o mesmo mês de 2019. Ainda em dezembro de 2020, a receita foi de US\$ 741 milhões, com queda de 12% frente ao mesmo período do ano anterior.

Cambios sectoriales de la última década

Fonte: Portal DBO. This post was published on 14 de janeiro de 2021

Em 2020, o Brasil bateu dois recordes na exportação de carne bovina. Em valor, saltou para a casa de US\$ 8,47 bilhões. Em volume, foi para a casa de 2 milhões de toneladas pela primeira vez na história do setor. Por trás desse desempenho está uma mudança significativa no mercado de proteína animal: a sua geografia.

Há uma década, o comércio com a Ásia (excluindo o Oriente Médio) não se destacava dos demais blocos econômicos. Em 2011, esse bloco comprou 210,9 mil toneladas de carne in natura, processados e miúdos, por US\$ 783 milhões. Em volume, a Ásia não ficava muito longe do que compravam os 28 países da União Europeia, que naquele ano fecharam compras no valor de US\$ 813,4 milhões para 107,9 mil toneladas. Ou longe dos Países Árabes, com 199,9 mil toneladas por US\$ 901,1 milhões.

Para o bloco asiático, um mercado que já mostrava potencial há uma década e no qual governo e indústria trabalhavam para abrir mercados, a carne era quase toda comprada através de Hong Kong, um território autônomo no Sudeste da China com pouco mais de 7 milhões de habitantes. Em 2011, Hong Kong fechou compras no valor de US\$ 691,5 milhões, para 188,5 mil toneladas.

Passados 10 anos, as vendas para o bloco asiático saltaram quase seis vezes. No ano passado foram 1,26 milhão de toneladas por US\$ 5,42 bilhões. As vendas realizadas diretamente com a China, que foram de 2,9 mil toneladas, por US\$ 10,7 milhões em 2011, saltaram no ano passado para 868,7 mil toneladas, por US\$ 4 bilhões. E Hong Kong, que continua como fornecedor chinês, levou do Brasil outros 312,5 mil toneladas, por US\$ 1,1 bilhão.

Não por acaso, empresas do setor estão se fixando no País. Entre elas, por exemplo, está a Minerva Foods que em outubro do ano passado se tornou sócia da chinesa Joey Foods, comprando 51% da empresa, para distribuir carne bovina diretamente no país. Foi a primeira das três gigantes da carne, incluindo JBS e Marfrig, a dar esse passo. gigante asiático.

“Com o aumento da renda e a ocidentalização dos hábitos, os chineses estão consumindo cada vez mais carne bovina. A peste suína só acelerou esse processo”, disse na ocasião Fernando Queiroz, presidente do Minerva.



Enquanto isso, as vendas de carne bovina para a Europa caíram quase 12% nos últimos dez anos. No ano passado, o bloco europeu comprou 95,3 mil toneladas, por US\$ 548,6 milhões. Mesmo assim, a importância desse mercado ainda está no valor agregado.

Comprando cortes específicos, principalmente contra-filé e filé mignon, entre poucos outros, em 2020 a Europa pagou US\$ 5.758 pela tonelada de produtos bovinos.

Em 2011, o preço era de US\$ 7.537 a tonelada. No caso da Ásia, que compra o boi inteiro e mais as miudezas que por lá são iguarias culinárias, o preço pago no ano passado foi de US\$ 4.298 por tonelada.

Buenas perspectivas presentan las exportaciones agropecuarias

Fonte: Valor Econômico. This post was published on 13 de janeiro de 2021

As exportações do agronegócio em 2021 poderão superar a marca do ano passado se o clima colaborar e de fato a colheita de grãos bater um novo recorde nesta safra 2020/21. Foi o que afirmou ao Valor o secretário de Comércio e Relações Internacionais do Ministério da Agricultura, Orlando Ribeiro. Puxados por soja e carnes, vendidos sobretudo à China, os embarques do setor renderam US\$ 100,8 bilhões em 2020, 4,1% mais que em 2019.

A maior expectativa do ministério é com as vendas de milho, que poderão “explodir” com o aumento das compras também por parte da China. O primeiro passo para isso veio com a decisão de Pequim de aprovar as variedades transgênicas autorizadas para plantio no Brasil que ainda não podiam entrar no mercado chinês. Agora falta apenas a assinatura da atualização de certificados sanitários para o aval definitivo.

A virada política nos EUA também poderá sedimentar o caminho para melhores negociações, principalmente envolvendo o açúcar, e a Índia poderá se consolidar como outro destino de peso. Entre as preocupações estão eventuais problemas na União Europeia por causa de questões ambientais.

“Estamos concluindo a atualização do certificado sanitário com a China. Em algum momento em 2021 isso vai estar concluído e veremos o aumento da demanda do país por milho”, afirmou Ribeiro. Caso a gestão Biden na Casa Branca decida privilegiar a mistura obrigatória de etanol na gasolina, o avanço do Brasil no mercado global poderá ser ainda maior, uma vez que o biocombustível americano é feito a partir do cereal.

O fato de Biden ter escolhido Tom Vilsack para ser seu secretário de Agricultura também pode facilitar as relações diplomáticas do agro brasileiro com os EUA, avaliou Ribeiro, que mantém boa relação com o americano desde a época em que ele foi chefe do Departamento de Agricultura (USDA) no governo de Barack Obama. A intenção é retomar as negociações sobre a exportação de açúcar para aquele mercado. “O interesse brasileiro é ter mercado livre, sem tarifa, sem cota, sem nada, para açúcar e etanol”.

O mercado para o açúcar, ressaltou, depende muito da Índia, grande produtora e que passa por uma reforma agrícola. E é para lá que o Ministério da Agricultura espera que comecem a ser embarcados, em volumes cada vez maiores, as pulses, como feijão, lentilha, grão de bico e gergelim. “A Índia vai demandar mais alimentos e estamos em condições de ser um parceiro mais importante do que somos hoje”, disse Ribeiro.

A Pasta segue com a missão de tentar diversificar produtos e destinos da pauta exportadora, muito dependente dos embarques de soja e carnes para a China. “Existe muita concentração, e obviamente isso não é bom. Se houver alguma variação nesse exato produto ou mercado o impacto na balança comercial brasileira será grande”, pontuou o secretário.

Nada disso, no entanto, é capaz de abalar ou diminuir o peso da China para o Brasil. “Não existe a menor possibilidade de esse esforço resultar em diminuição da importância da China, nem está nos nossos planos. Continuamos trabalhando fortemente na China, é a economia que mais cresce no mundo”.

Pouco afetadas pela pandemia, apesar de algumas restrições temporárias a frigoríficos, as exportações do agronegócio brasileiro enfrentam, por outro lado, resistências cada vez mais latentes da Europa no quesito ambiental. A ofensiva europeia preocupa, mas o governo diz que tem respostas prontas contra possíveis travas. “Não baixamos a guarda. Se algo for feito estamos preparados para reagir e rebater na prática”, afirmou o secretário.

Acrimat : Balance y perspectivas

Fonte: Acrimat. This post was published on 13 de janeiro de 2021

Apesar das dificuldades impostas pela pandemia a todos os setores da economia em 2020, a atividade pecuária se mostrou um dos setores que se manteve firme e confiável, como analisa o presidente da Associação dos Criadores de Mato Grosso, Oswaldo pereira Ribeiro Jr. “Apesar de todos os problemas que enfrentamos em 2020, para a pecuária foi um ano muito bom. Tivemos uma recomposição significativa dos preços dos animais, seja na reposição ou na terminação”.

O pecuarista acrescenta que houve também um aumento significativo do preço dos insumos, o que contribuiu para a redução da margem de lucro. “Devemos lembrar que na pecuária tudo é cíclico: os



preços sempre vão oscilar para cima e para baixo, pois a pecuária não é uma atividade especulativa. Os animais vendidos hoje já estavam programados para chegar a este estágio há três, quatro anos.”

Oswaldo Ribeiro aproveita para agradecer aos pecuaristas, que mantiveram o mercado abastecido. “Parabenizamos estes bravos trabalhadores por ajudar o país a enfrentar as dificuldades econômicas; estende as felicitações ao agro como um todo, que enfrentou tais dificuldades com muito trabalho e dedicação”.

Quanto a expectativa para 2021, o presidente da Acrimat é enfático em dizer que 2021 promete repetir muito do que aconteceu em 2020. “Acredito num balanço positivo para o setor como um todo, apesar do preço alto dos insumos, principalmente os grãos, que devem continuar a ser impactados pelo clima e pela demanda externa, que segue muito alta”.

Para a carne, o mercado chinês ainda será o principal balizador, com a demanda se mantendo em alta. “Contudo, o pecuarista deve ficar atento a abertura de novos mercados”. Já o mercado interno deve apresentar desafios ainda maiores. “A economia deve se mostrar ainda um importante desafio, com sua situação agravada pela pandemia. Outro fator que devemos estar atentos é sobre o auxílio emergencial do governo, que assim que cessar impactará no consumo de forma acentuada”.

Ribeiro destaca que os preços do bezerro e do boi magro devem continuar em níveis relativamente altos, devido a oferta reduzida na reposição. “Mas num balanço geral a expectativa deve ser vista como satisfatória, pois acredito que o produtor continuará fazendo o que sabe fazer melhor: trabalhar”.

Mejor momento para las exportaciones de proteínas animales quedó atrás

Fonte: Money Times. This post was published on 12 de janeiro de 2021

O Brasil deve apresentar dados mais fracos de exportações de carnes, afirma o BTG Pactual em relatório enviado a clientes nesta segunda-feira (11).

Segundo os analistas Thiago Duarte e Henrique Brustolin, o melhor momento do setor ficou para trás.

“Dados de exportação de dezembro reforçaram nossa visão de que os ciclos de proteína serão mais fracos no Brasil”, argumentam.

Entre as empresas, o BTG reitera a preferência pela JBS (JBSS3), por conta dos ganhos mais resilientes impulsionada pelo ciclo da carne bovina nos Estados Unidos.

A Minerva também tem recomendação de compra. BRF e Marfrig permanecem com indicação neutra.

Carnes: leve recuperação dos preços em dezembro

Segundo os números de dezembro divulgados pela Secretaria de Comércio Exterior do Brasil (Secex), ligada ao Ministério da Economia, os volumes de carnes de aves caíram 4% em comparação com o ano passado. Apesar disso, os preços subiram 6% em relação com novembro.

“A recuperação do preço vista em dezembro é certamente bem-vindo, mas permanecemos amplamente cautelosos em relação à indústria avícola até temos maior visibilidade em um ambiente mais equilibrado”, dizem.

No caso das carnes bovinas, os volumes de exportação tiveram queda de 9%, principalmente devido aos menores suprimentos de animais. Já os preços em dólar avançaram 2% ante a novembro. No quarto trimestre, a elevação foi de 8%.

“Desta vez, a demanda do fim de ano no exterior não parece ter sido suficiente para lidar como maior preço sazonal do gado”, afirmam.

A maior alta, porém, foi registrada entre a carne suína – crescimento de 21%. As vendas em reais avançaram 57% no trimestre.

URUGUAY

La venta de carne bovina a China bajó 26,7% en 2020

11/01/2021 - Fueron 228.060 toneladas, según los datos del INAC.

Las exportaciones de carne bovina a China cerraron 2020 con una caída de 26,7% medidas en peso canal y comparando con el cierre del año previo. Según los datos estadísticos del Instituto Nacional de Carnes (INAC), los importadores del gigante asiático se llevaron 228.060 toneladas contra 311.212 toneladas.

Sólo crecieron las ventas de carne bovina a determinados mercados y la baja se registra en mercados de valor, como es el caso de la Unión Europea, entre otros.

El destino de mayor crecimiento, porque los embarques subieron 583,5%, porque venían de volúmenes muy bajos, fue la Federación Rusa. Se exportaron 6.315 toneladas contra las 924 toneladas del año anterior. El segundo destino con crecimiento fue Israel, tradicional comprador de delanteros bovinos. En este caso la suba en las compras fue de 43,2%. Acaparó 10.385 toneladas contra 7.251 toneladas. Aumentó el volumen de carne bovina exportada a los mercados del Nafta, pues la pandemia ayudó. En



este caso el incremento fue de 33%. Canadá se llevó 22.632 toneladas (subió 141,2%) y Estados Unidos creció en sus compras 17,7%, importando 76.469 toneladas.

Las ventas de carne bovina uruguaya a Islas Canarias cerraron el año pasado con una baja de 36,5% y fueron 2.824 toneladas. En caso de los negocios con los países del Mercosur, hay un descenso de 29,1%. Se enviaron 9.911 toneladas y los únicos mercados fueron Chile y Brasil.

En el primer caso acaparó 2.147 toneladas y en el otro 7.739 toneladas.

A su vez, la Unión Europea fue un mercado fuertemente afectado por la pandemia de Covid-19 y en este caso las ventas cayeron 6,2%. Se llevó 39.869 toneladas, según los datos estadísticos emitidos por el INAC.

Presentan serie de medidas para la prevención frente a la covid-19 en frigoríficos

El Ministerio de Salud Pública, en coordinación con el Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca, el Ministerio de Trabajo y Seguridad Social y el Instituto Nacional de Carnes (INAC) han hecho público un documento con medidas adicionales de la que ya se habían tomado en las plantas contra el covid-19.

Compartir

Los frigoríficos cumplen con elevadas exigencias de limpieza y desinfección que permiten garantizar la seguridad de los alimentos. No obstante, determinadas condiciones de trabajo como las bajas temperaturas, la cercanía física entre los trabajadores, o la presencia de ruido en sectores propicia que se eleve el tono de voz para comunicarse y esto podría favorecer la transmisión de la covid-19 entre las personas.

Por 9 meses no hubo casos de la covid-19 verificado en la cadena de los alimentos, no obstante, Uruguay está en una etapa de creciente presencia del virus en comunidad, lo que representa un desafío mayor que determina adoptar medidas adicionales de coordinación y mitigación.

Ante esto, con este documento pretenden alertar respecto del mayor grado de exposición de los trabajadores afuera del ámbito de trabajo, en sociedad, en el transporte o en el contacto social comunitario.

Desde INAC además se está apoyando la realización de comunicaciones a nivel de infografías con las medidas recomendadas.

Adoptan más medidas de prevención en frigoríficos

15/01/2021 - Creadas en equipo y acordadas, ante avance del Covid-19 Un equipo multidisciplinario público-privado diseñó medidas adicionales para los frigoríficos, buscando evitar casos de covid-19 entre los trabajadores de la industria y la cadena cárnica.

Esas medidas se recogieron en un protocolo de recomendaciones sanitarias con el fin de preservar, en primer lugar, la salud de los trabajadores y garantizar a los consumidores la calidad e inocuidad de los alimentos, con requisitos más exigentes. No hay evidencia científica de que el virus se transmita a través de los alimentos, cajas de cartón o contenedores.

En el marco de una conferencia de prensa, en la que participaron los ministros de Ganadería Agricultura y Pesca, Carlos María Uriarte, de Salud Pública, Daniel Salinas, de Relaciones Exteriores, Francisco Bustillo, y el subsecretario del Ministerio de Trabajo y Seguridad Social, Mario Arizti, el gobierno emitió algunos detalles. A los ministros los acompañó el presidente del Instituto Nacional de Carnes (INAC), Fernando Mattos.

Transparencia. “En Uruguay somos transparentes y el compromiso del Gobierno es cuidar la salud de los trabajadores y la actividad económica, porque significa mantener el ingreso y llevar el pan a las familias”, expresó el ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca, Carlos María Uriarte,

Agregó que los seis puntos principales del documento son comunicación de los términos correctos, definiciones epidemiológicas, vacío sanitario del establecimiento para prevenir la aparición del brote y evitar suspender una planta, higiene y desinfección total del establecimiento, determinación de la presencia de coronavirus en superficies y reintegro del personal para retomar la actividad.

Uriarte recordó que “la mayoría de los casos de Covid se dieron donde el contacto social es más común. Por eso, recurrimos a la responsabilidad individual, para tener resultados a nivel de país. Una vez detectadas esas áreas débiles, se elaboró este documento para corregirlos”, expresó el titular del MGAP.

A su vez, informó que Uruguay solicitó a China que levantara la suspensión de dos frigoríficos para exportar, porque desde el 17 de diciembre no se han presentado nuevos casos”.

El pasado martes 12 se realizó la primera auditoria virtual en una de las plantas y que en este momento se está realizando la segunda para ver cómo se procede al pedido.

“Somos optimistas en los resultados de la primera auditoria. En Uruguay no se oculta información, se trabaja con responsabilidad, los casos se comunican y las autoridades actúan”, subrayó Uriarte.

Por su parte, Fernando Mattos, titular del INAC, dijo que el impacto de la suspensión del mercado chino “es muy importante y que los frigoríficos que han tenido que detener su producción se dedicaban en un 60% a exportaciones al país asiático. “Por su volumen, no es un mercado fácil de sustituir”, indicó. El



equipo asesor responsable de las recomendaciones sanitarias está integrado por el Ministerio de Salud Pública, Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca, Trabajo y Seguridad Social, Instituto Nacional de Carnes, cámaras empresariales y gremios de trabajadores de la industria.

Cuidados. Los frigoríficos cumplen con elevadas exigencias de limpieza y desinfección que permiten garantizar la seguridad de los alimentos, aclararon los jerarcas en la rueda de prensa. No obstante, determinadas condiciones de trabajo como las bajas temperaturas, la cercanía física entre los trabajadores o la presencia de ruido en sectores, propicia que se eleve el tono de voz para comunicarse y esto podría favorecer la transmisión del Covid-19 entre las personas.

El equipo asesor responsable de las recomendaciones sanitarias está integrado por el Ministerio de Salud Pública, Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca, Ministerio de Trabajo y Seguridad Social, Instituto Nacional de Carnes, cámaras empresariales y gremios de trabajadores de la industria.

Eso permitió generar un acuerdo técnico multidisciplinario con amplio compromiso social para dar respuesta a las inquietudes de los mercados cárnicos, especialmente el mayor socio comercial: China.

En los últimos días, el Canciller Francisco Bustillo y el Ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca Carlos María Uriarte, mantuvieron una reunión con el Embajador de la República Popular China, Wang Gang, para analizar la evolución de las exportaciones uruguayas al mercado chino.

Durante la reunión, se destacó que Uruguay se encuentra sumamente comprometido en garantizar la inocuidad, la trazabilidad y los controles sanitarios en las cadenas productivas de alimentos, reafirmando las reconocidas credenciales internacionales del país.

Asimismo, se resaltó el total compromiso que ha asumido Uruguay, a través de los Ministerios competentes, con la adopción de las recomendaciones y medidas dispuestas por la Organización Mundial de la Salud (OMS), la Organización Panamericana de la Salud (OPS), la FAO y demás organismos internacionales relacionados con la materia.

Partió barco con ganado en pie hacia Turquía y otro a China

por Cecilia Ferreiraenero 11, 2021

El 2021 comenzó con movimientos para la exportación de ganado en pie. En las últimas horas partió un barco con ganado en pie con destino a Turquía y otro hacia a China.

En el caso de Turquía, se trata de una exportación de 6.910 terneros enteros realizada por la empresa Herbal Paradise, informó la periodista Patricia Santos en su cuenta de Twitter y confirmó una fuente de la empresa a Conexión Agropecuaria.

El negocio de exportación a China fue realizado por la empresa Agrosocio. Se enviaron 11.254 vacunos de las razas Hereford, Red Angus, Holando y Jersey, con fines reproductivos.

El barco hacia China partió este domingo, dijo a Tiempo de Cambio de radio Rural Ruben Urchitano, director de Urchitano Negocios Rurales, empresa que presta asistencia en la logística en la compra de ganado para el envío a China en alianza comercial con la firma Agrosocio.

“Ya estamos comprando para un nuevo barco, ya llevamos una cantidad muy importante de holando comprado, te diría que el 75% del barco de marzo/abril. Ese barco estaría prácticamente con los ganados comprados”, detalló en la parte holando.

Este canal ha generado un fuerte flujo comercial, destacó Urchitano, con expectativas de que los negocios continúen a largo plazo.

Primer embarque de carne bovina llega a Arabia Saudita

12/01/2021 - En los últimos días arribó el primer embarque a este destino, accediendo Uruguay así a un mercado de muy alto potencial en el mundo, con muy bajo arancel. A esta novedad se le suma también la llegada de la primera carne sin hueso a Líbano

Según informó el Instituto Nacional de Carnes (INAC), este se trata del primer ingreso de carne vacuna bovina al mercado saudí, tras la habilitación sanitaria y halal obtenida en diciembre de 2019.

La misión uruguaya en Riad ha realizado diversas actividades de promoción comercial, así como reuniones e intercambio de información con empresarios interesados en los productos nacionales, a lo largo de los últimos años e intensificadas durante este año, pese a las restricciones establecidas por la pandemia de covid-19, según expresa un comunicado de la Embajada de Uruguay en ese país.

La empresa que realizó la importación es una tienda especializada en productos de alta calidad orientada al segmento más exigente del mercado. Los productos que ofrecen suelen ser de Australia, Nueva Zelanda, Holanda, Rusia y ahora, de Uruguay.

Según el diálogo de la misión mantenido con el propietario de dicha empresa, la calidad de la carne uruguaya ha causado excelente impresión, razón por la cual, según manifestó, próximamente comenzarían a realizar importaciones de mayor volumen.

Cabe recordar que la carne refrigerada ingresa a este mercado con un arancel del 0%

Las importaciones de carne bovina fresca, refrigerada o congelada de Arabia Saudita fueron de 423 millones de US\$ en 2019 y US\$ 400 millones en 2018.



Mercado libanés. Por otro lado, tras casi dos años de la habilitación del mercado libanés para la carne uruguaya bovina y ovina, nuestro país ha logrado el ingreso del primer embarque de carne sin hueso a esta nación.

Uruguay es, hasta ahora, el primer país del Mercosur en condiciones de exportar carne con hueso al Líbano.

Piden ingreso de lenguas a JAPÓN y ampliar cuota en ESTADOS UNIDOS

14/01/2021 - La meta es mejorar la exportación y valorizarla, para lograr mejor inserción

Uruguay volvió a solicitarle a Japón que considere habilitar el ingreso de lenguas bovinas para mejorar el acceso de sus productos y pidió a Estados Unidos una ampliación de la cuota anual de 20.000 toneladas de carne bovina sin hueso, según confirmó a El País el ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca, Carlos María Uriarte.

Previo al foco de fiebre aftosa en Artigas, hace 21 años, Uruguay era libre de fiebre aftosa sin vacunación y tenía acceso al país del sol naciente con lenguas bovinas frescas. En ese entonces, al entrar en el denominado circuito no aftósico, no tenía barrera alguna para sus productos

Hoy sólo está habilitado para cocidos y termoprocesados. Era un mercado que valorizaba mucho las lenguas bovinas. De todos modos y más allá de las restricciones, Uruguay es el único país con estatus sanitario reconocido por la Organización Mundial de Sanidad Animal (OIE) como país libre de aftosa con vacunación, que tiene acceso a Japón, al igual que a Corea del Sur.

La carne bovina uruguaya volvió a entrar a Japón el 7 de febrero de 2019, con 16 frigoríficos habilitados y lo que es más importante, con la habilitación del ingreso de hamburguesas, un producto mucho más riesgoso desde el punto de vista sanitario que la lengua bovina, si la fiebre aftosa es el argumento que frena la habilitación. La reiteración del planteo de permitir el acceso de lenguas bovinas frescas fue realizada por el gobierno uruguayo en la reciente visita del Canciller Nipón, Toshimitsu Motegi a Uruguay, donde se reunió con el presidente Luis Lacalle Pou, el Canciller Francisco Bustillo y otras autoridades del gobierno.

“Tenemos muchas esperanzas de lo que podamos trabajar con el Sudeste Asiático y en lo que se pueda mejorar en la relación con Japón”, afirmó Uriarte a El País.

A su vez, respecto a la ampliación del cupo de 20.000 toneladas anuales para carne bovina que tiene asignado Uruguay en Estados Unidos, el jerarca dijo que “genera mucha expectativa como sustituto de la pérdida de parte de la cuota 481”, el cupo cárnico de alta calidad que la Unión Europea le asignó a Estados Unidos, en el marco del litigio de la carne con hormonas. Uruguay pudo acceder a esa cuota a través del ingreso de terceros mercados.

Arabia y Líbano. Respecto a la reciente consolidación de los primeros embarques de carne bovina con hueso a Líbano y Arabia Saudita, el titular del MGAP afirmó que es un gran logro y cifró sus esperanzas en que vayan apareciendo otros mercados de alto valor para defender y valorizar la exportación de carne uruguaya.

“Son mercados que se ven con mucha esperanza. Tiene un alto poder adquisitivo, donde participan Australia, Nueva Zelanda y Estados Unidos. Eran destinos en los que Uruguay debería estar”, destacó Uriarte.

El titular del MGAP afirmó que Uruguay “siempre tuvo la habilidad para que cuando los mercados se empiezan a desinflar, prender la llama en otro y seguir trabajando con la misma fuerza”. A su vez, apunta a mercados cada vez más exigentes, porque Uruguay “debe apostar a los mercados de mayor poder adquisitivo, para valorizar al máximo lo que produce. No tiene competitividad por el lado del volumen y en eso tiene habilidad”, reconoció Uriarte.

El titular del MGAP reconoció que los motivos para diferenciarse hoy, ya no pasan sólo por el estatus sanitario. Van cambiando y cobran fuerza los atributos relacionados con la confiabilidad del alimento a exportar y la confianza que se genera en los compradores de ese producto.

“Por eso vemos con muy buenos ojos la consolidación de Arabia Saudita como mercado y esperamos que sigan apareciendo otros”, agregó Uriarte.

La misión uruguaya en Riad ha realizado diversas actividades de promoción comercial, así como reuniones e intercambio de información con empresarios interesados en los productos nacionales, a lo largo de los últimos años e intensificadas durante este año, pese a las restricciones establecidas por la pandemia de covid-19, según expresa un comunicado de la Embajada de Uruguay en ese país. La empresa que realizó la importación es una tienda especializada en productos de alta calidad. La carne refrigerada ingresa a este mercado con un arancel del 0%.

Las importaciones de carne bovina fresca, refrigerada o congelada de Arabia Saudita fueron de 423 millones de US\$ en 2019 y US\$ 400 millones en 2018.



Negocio de corral con perspectivas “poco auspiciosas” para el primer semestre de 2021

11/01/2021 A lo largo de 2020 debido a la pandemia del coronavirus -y por el elevado precio de los granos- el negocio de corral de engorde fue afectado por todo lo que sucedió en el mundo, dado que de ahí sale la carne de alto valor que compra Europa, uno de los principales mercados para Uruguay y de los que se vio más resentido.

En ese sentido, Álvaro Ferrés, presidente de la Asociación Uruguaya de Productores de Carne Intensiva Natural (Aupcin), reconoció que las perspectivas para este año son poco alentadoras y eso hace que muchos corrales estén poco operativos y que haya menos ganado encerrado.

“El porcentaje de ganado de feedlot que se va a faenar creo va a ser menor también por el déficit hídrico. La potencialidad de faena es importante. Si la industria puede y consigue va a faenar porque china está demandando”, señaló.

De todas formas, Ferrés es optimista en que se van a desarrollar negocios alternativos.

“Va a ser un año donde va a haber más ganado. Los mercados van a empezar a demanda y si Uruguay está preparado y los corrales con capacidad entiendo que más volcado al segundo semestre va a haber más ganado preparado”, expresó.

MGAP solicitó a China levantar suspensión a Frigorífico Lorsinal y Casa Blanca

por Cecilia Ferreira enero 11, 2021

El Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca solicitó a las autoridades chinas levantar suspensión a Frigorífico Lorsinal y Casa Blanca y reanudar las exportaciones de carne a ese país al considerar que los casos de Covid-19 registrados en diciembre fueron controlados. Este fue uno de los puntos tratados en el encuentro mantenido la semana pasada por el ministro Carlos María Uriarte y el canciller Francisco Bustillo con el embajador de China en Uruguay, Wang Gang.

“Lo hablamos con el embajador, que desde nuestro punto de vista esos brotes ya estaban controlados y esas plantas podían ofrecer las garantías. Está a consideración ahora de las autoridades Chinas”, señaló el ministro Uriarte entrevistado por el programa Tiempo de Cambio de radio Rural.

Los protocolos que alcanzan a la industria frigorífica se extenderán a la industria láctea y a la pesca.

Cuáles fueron las 30 actividades de promoción de las carnes uruguayas en el mundo

14/01/2021 - 11:00 AM

Las carnes uruguayas se acercaron durante 2020 a su objetivo de que se reconozca el producto en los cinco bloques más importantes para su estrategia de construcción de marca: iniciando por China, siguiendo por Japón, Europa, Estados Unidos y Brasil

El gerente de Marketing del Instituto Nacional de Carnes (INAC) indicó que los dos pilares fundamentales del plan a mediano plazo son el acceso y la construcción de la marca de las Carnes de Uruguay .

En materia de acceso, INAC elaboró una agenda para los mercados internacionales, que fue lanzada en el espacio “Procarnes”. Es una agenda de cinco años, que se coordina con Cancillería, Ministerio de Ganadería y Ministerio de Economía.

Debe destacarse la apertura de la oficina de INAC en Asia, que comenzó a trabajar en noviembre. Es la primera vez que INAC abre una oficina internacional; en tiempos de pandemia, esto cobra una vital relevancia ya que permite contar con recursos locales para desarrollar las actividades.

La estrategia de trabajo sigue un plan tanto a nivel del comercio como al del consumidor, y luego según el canal (restaurantes, supermercados, ecommerce). La gran apuesta de largo plazo del INAC es posicionar la marca a nivel de consumidores, en especial en aquellos países donde Uruguay cuenta con un mejor acceso.

En China, donde está puesto el énfasis, se desarrollaron ocho seminarios con el sector de restaurantes, una campaña masiva en las plataformas Tmall y Ali Baba, tres ferias y dos eventos con empresas.

En Japón se llevaron a cabo tres campañas en cadenas de supermercados, dos en restaurantes, mientras que en Estados Unidos, dirigido al segmento a pasto tuvieron lugar cuatro actividades Focus en coordinación con el sector privado.

En Europa, pese a las interrupciones por la pandemia, se realizaron activaciones en Alemania, Italia y Suiza con los socios de INAC.

Las 30 actividades y campañas de construcciones de la marca de carnes del Uruguay fueron realizadas por INAC y sus socios, exportadores, empresas distribuidoras y minoristas, como restaurantes, supermercados e importadores en los cinco bloques definidos en la estrategia de Marketing.

PARAGUAY

Frigoríficos vuelven a subir los valores de las haciendas gordas

13/01/2021 GANADERÍA



El mercado de haciendas gordas con destino a frigoríficos exportadores registró una suba de precios de hasta US\$ 0,15 por kilo carcasa, sumando dos semanas consecutivas con una tendencia alcista. Un operador dijo a Valor Agro que "hay una mayor presión de compra de las industrias", en un momento que las lluvias complican la logística de los animales, los productores están con pasturas disponibles y se está por ingresar al periodo de vacunación. La fuente posicionó la cotización del novillo común en US\$ 2,95 el kilo a la carne, entre US\$ 0,10 y US\$ 0,15 más que la semana anterior, dependiendo los frigoríficos. Mientras que a la vaca la ubicó en US\$ 2,80. Además explicó que las plantas empezaron a pasar las primeras referencias por animales trazados, con destino a la Unión Europea, con valores que alcanzan los US\$ 3 a la carne. Fuente: Valor Agro.

UNIÓN EUROPEA

Analizan otorgar incentivos a los producción bajas en emisiones de Carbono

15 January 2021

Farmers across the European Union could get cash to re-wild farmland and curb emissions from belching livestock.

Farmers should get European Union funding to reduce methane emissions from livestock or increase organic farmland, the European Commission said on 14 January, under plans to make agriculture greener.

Reuters reports that the EU is nearing the end of a two-year battle to overhaul its massive farming subsidies scheme, to attempt to align the agriculture sector - which contributes roughly 10 percent of EU greenhouse gas emissions - with the bloc's target to have net zero emissions by 2050.

The farming policy will suck up €387 billion from the EU's next budget, for 2021-2027, with agriculture spending split between direct payments to farmers and other support for rural development.

EU negotiators are wrangling over whether to spend 20 percent or 30 percent of payments for farmers on programmes to protect the environment. The Commission on Thursday outlined what those so-called "eco-schemes" could include.

Organic farming, use of feed additives to reduce the amount of methane - a potent greenhouse gas - belched out by animals, and "carbon farming" where farmers restore wetlands or peatlands to suck CO2 out of the atmosphere, are among its suggestions.

European farmers association Copa Cogeca welcomed the suggestions but said farmers should not be obliged to participate in them.

"The voluntary nature for farmers of these potential practices, as proposed by the Commission, should be maintained," a spokeswoman said.

Campaigners said some of the proposed measures could fuel the environmental degradation caused by current intensive farming practices.

The Commission's suggestion of paying farmers to improve "housing conditions" for animals amounted to "hidden subsidies to the highly-polluting intensive animal farming industry," said Celia Nyssens, agriculture policy officer at the European Environmental Bureau.

Agriculture is facing increased scrutiny for its contribution to the twin crises of biodiversity loss and climate change. The EU is drafting legally-binding targets to restore nature - a move likely to impact agricultural sites, which make up 40 percent of EU land.

The sector is the most frequently reported pressure on Europe's habitats and species, from intensified farming practices including pesticide use and irrigation, according to the EU Environment Agency.

Crece el brote de peste porcina en Alemania

por Cecilia Pattarino enero 13, 2021

El brote de peste porcina africana (PPA) en jabalíes en el norte de Alemania sigue aumentando, especialmente en Brandeburgo y la región de Sajonia. Hasta la fecha, un total de 480 canales han dado positivo por virus (463 en Brandeburgo y 17 en Sajonia). Además, se está investigando un caso sospechoso en Potsdam, fuera de las zonas restringidas.

Ante esta situación, la ministra de Agricultura de Alemania, Julia Klöckner, llamó en un comunicado a cumplir con las medidas impuestas para contener la enfermedad que, por el momento, no ha llegado a las poblaciones de cerdos domésticos.

Además de buscar animales contaminados y cazar jabalíes, se utilizan trampas y matanzas en áreas cercadas. El objetivo es evitar el contacto de animales aún sanos en una zona libre de jabalíes y, por tanto, la propagación del virus.

El gobierno alemán, sin embargo, se enfrenta a dificultades para mantener el aislamiento hecho por vallas eléctricas de protección alrededor de las áreas centrales y a lo largo de la frontera entre Alemania y Polonia, en 63 kilómetros construidos en Mecklemburgo-Pomerania Occidental, 127 km en Brandeburgo y



56 kilómetros en Sajonia. Las cercas temporales han sido destruidas por acciones intencionales, según el gobierno.

Hasta ahora, según Alemania, las poblaciones de cerdos domésticos están libres de peste porcina africana. Pero desde el primer ataque de jabalí el 10 de septiembre de 2020, países como China han prohibido las importaciones de carne de cerdo alemana.

ESTADOS UNIDOS

Caen precios a futuro por la evolución del maíz

15 January 2021

US feeder cattle futures fell on 14 January, retreating back towards a three-month low on prospects for increased input costs for farmers due to skyrocketing corn prices.

Speaking to Reuters about the trading day, Alan Brugler, president of Brugler Marketing & Management said, "It is the rising feed costs. With the corn being up another 10 cents today, you had to take the feeders down."

Live cattle futures also dropped, pressured by weakness in the cash market.

April live cattle futures ended 0.25 cent lower at 117.225 cents per pound.

March feeder cattle dropped 0.95 cent to 133.375 cents.

The US Agriculture Department said beef export sales totalled 16,800 tonnes in the week ended 7 January, up from 9,000 tonnes a week earlier.

CBOT March corn futures jumped 9-3/4 cents to \$5.34-1/4 a bushel.

Las exportaciones cárnicas de EE.UU. siguieron creciendo en noviembre según la USMEF

11/01/2021

Las exportaciones de carne de vacuno de EE.UU. registraron uno de los mejores meses registrados en noviembre, según datos publicados por el USDA y compilados por la Federación de Exportación de Carne de EE.UU. (USMEF). Noviembre también fue un mes fuerte para las exportaciones de carne de cerdo, que ya superó los récords de volumen y valor de todo el año establecidos en 2019. "La demanda de carne de vacuno estadounidense ha sido sobresaliente y esperamos que continúe en 2021", dijo el presidente y director ejecutivo de USMEF, Dan Halstrom. "Desafortunadamente, el servicio de alimentos continúa enfrentando desafíos relacionados con la covid-19. Esperamos una recuperación más amplia del servicio de alimentos este año, especialmente a partir de mediados de 2021, pero es probable que aún veamos interrupciones en algunos mercados. Para la carne de cerdo de EE.UU., es genial establecer nuevos récords con un mes de sobra, pero especialmente gratificante ver una amplia gama de mercados que contribuyen al crecimiento de las exportaciones de EE.UU. El USMEF aún espera una fuerte demanda de carne de cerdo de China en 2021, pero estamos viendo un repunte muy necesario en otras regiones, especialmente en los mercados del hemisferio occidental".

Las exportaciones de carne vacuna de noviembre totalizaron 115.337 t, un 6% más que hace un año y el mayor desde julio de 2019. El valor de las exportaciones subió un 8% interanual a 707,5 millones de dólares. Las exportaciones de noviembre a China y Guatemala establecieron nuevos récords mensuales, mientras que los envíos a México fueron los más grandes desde 2016. Las exportaciones a Taiwán se mantuvieron fuertes y están bien posicionadas para establecer un nuevo récord anual en 2020.

Hasta noviembre, las exportaciones de carne vacuna fueron un 6% más bajas (1,13 millones de toneladas) y un 7% en valor (6.900 millones de dólares).

El volumen de exportación de carne de cerdo de noviembre se mantuvo estable año tras año en 258.801 t, con un valor por debajo del 2% alcanzando los 697,5 millones de dólares. Aunque China / Hong Kong siguió siendo el principal destino de la carne de cerdo de EE.UU., en noviembre, el impulso continuó creciendo en otros mercados, incluidos Japón, México y América Central.

Las exportaciones de carne de cerdo de enero a noviembre establecieron nuevos récords anuales tanto en volumen (2,72 millones de toneladas, un 14% más que el año anterior) como en valor (\$ 7,03 mil millones, un 13% más).

Ganaderos tendrán un escenario más favorable en 2021

Steve Kay, January 13, 2021

A monthly column written for Beef Central by US meat and livestock industry commentator Steve Kay, publisher of US Cattle Buyers Weekly

THE year of the pandemic is one that no one will ever forget. But cattle producers in the United States and Australia would surely like to erase 2020 from their memories.

A year that began with the promise of stable markets and slightly higher prices for all classes of cattle was totally upended by a virus pandemic no one could have forecast. However, the beef industries in both



countries, but especially in the US, start 2021 with cautious optimism of a return to normalised markets and pricing patterns.

In this context, it is worth reminding ourselves just how devastating the COVID-19 pandemic was on the US industry. It is even more important to remember how it disrupted Americans' and Australians' lives, with many families having the additional heartbreak of losing a loved one to the virus, with the added pain of that loved one dying without any family members at their side.

As readers know, the disease outbreak by early March was declared a global pandemic and continued to wreak havoc on global equities and commodity markets, and on the global beef trade. Trepidation gripped the US industry throughout April as beef production levels declined to unprecedented lows relative to plant capacities because of worker illnesses and absenteeism. The last week of April saw US weekly cattle slaughter total 439,000 head, 68 percent of available slaughter capacity. The average price of live grainfed steers that week was 21pc below the same week in 2019.

Remembering how dire the challenges were is important, because what occurred in May and June was nothing short of a miracle. The many ways the US industry, from ranch to retail, tackled these challenges and returned to normalcy in such a short time is one of the greatest stories in the industry's long history. Production levels had returned to normal levels by late June.

A return to a semblance of normality is likely this year even if the COVID-19 pandemic continues well into 2021. Everyone in the industry will be hoping that the markets will avoid the kind of extreme volatility seen last year. US packers saw record operating margins throughout last year, but cattle feeders, cow-calf operators and other cattle producers saw slim or even negative returns.

Higher cattle prices ahead

Prices for all classes of US cattle are currently forecast to be higher than last year, especially those for grainfed cattle. USDA's 5-area steer price in 2019 averaged US\$116.78 per cwt live and was expected to be around the same level last year. It was on track to achieve this in the first quarter when it averaged US\$118.32 per cwt. Then the pandemic's impact began. Second quarter prices averaged US\$105.79 per cwt, third quarter prices US\$101.74 and fourth quarter prices US\$107.95. Annual prices averaged US\$108.45 per cwt, their lowest level in many years.

Prices for US feeder (young) cattle fared a little better. The price of a medium frame No. 1 steer at Oklahoma City averaged US\$142.23 per cwt in 2019. Prices last year were: first quarter US\$136.42 per cwt, second quarter US\$126.37, third quarter US\$141.42 and fourth quarter US\$137. The average for the year was US\$135.30 per cwt.

USDA's and other analysts' forecasts for prices this year will offer hope for producers. It forecasts that its 5-area fed steer price in the first and second quarters will average US\$113 per cwt and US\$114 in the third quarter. Its forecast and those of five industry analysts that I surveyed last week put the 2021 annual price at US\$114-117 per cwt live. This would be more than US\$7 per cwt more than last year. USDA forecasts that feeder cattle prices will average US\$133 per cwt in the first quarter, US\$136 in the second quarter, US\$141 in the third quarter and US\$138 for the year.

Most forecasts are that the US national cattle herd shrunk slightly last year compared to 2019, especially on the beef side. That should pay dividends for producers as the year progresses. Drought might play a part in deciding whether beef cow liquidation picks up pace this year or not. No one of course wants to see anything approaching the exceptional drought years of 2010-2012 and their consequences. High corn prices, the main ingredient in cattle feeding rations, will also play a part in determining the price of young cattle going to feedlots.

The supply side of the industry thus will play an important role in boosting prices for all cattle producers. But ultimately, as always, domestic and global demand for US beef will determine how much cattle price improve from last year.

The biggest potential positive is that the restaurant business, especially the sector that uses high-end cuts, will be freed from COVID-19 restrictions and resume full inside dining again. Just as US cattlemen know the importance of vaccinating their calves, I hope all Americans recognise the importance of getting a COVID-19 vaccine this year, to protect themselves and their loved ones and to help the US economy recover.

CHILE: afirman que reingreso de carne colombiana dará más competitividad al mercado

12/01/Desde octubre del 2020, cuando se levantó la restricción de importación, los cortes bovinos colombianos están sumando más presencia en las góndolas de Chile, una alternativa que está siendo muy bien aceptada por importadores y vendedores de carne para descomprimir el mercado. "Esta carne llega a diversificar la oferta y le da más empuje al mercado desde el punto de vista competitivo, porque el 60% de la carne que nosotros vendemos es importada y esta mayor oferta podría en el futuro ayudar a los



precios”, dijo al medio chileno Lun el Gerente Comercial de la cadena de carnicerías Doña Carne. Cristóbal Cabezas comentó que con el poco tiempo que la carne colombiana está en la cadena se han tenido buenos resultados. “No tiene nada que envidiarle a la carne de Brasil”, resaltó. Por su parte, Nicolás Giménez Irún, gerente comercial de Athena Foods Chile, explicó al medio trasandino que la carne colombiana “es un producto de alta calidad y con un precio dentro de los rangos de las mejores carnes importadas para el consumo masivo”. En el mercado de importación, Paraguay lideró el ranking de proveedores de Chile con 87.933 toneladas, seguido por Brasil con 79.212 toneladas y Argentina con 29.132 toneladas, según datos de la Oficina de Estudios y Políticas Agrarias (ODEPA). Colombia había quedado afuera del mercado chileno a raíz del brote de fiebre aftosa del 2017.

EMPRESARIAS

Gigante canadiense Couch-Tard evalúa la compra de Carrefour

Fonte: Infomoney. This post was published on 14 de janeiro de 2021

A Alimentation Couche-Tard, gigante canadense de lojas de conveniência dona da rede Circle K, está explorando uma possível aquisição da rede francesa Carrefour, disseram pessoas com conhecimento do assunto para a Bloomberg.

A Couche-Tard fez uma abordagem inicial ao Carrefour para discutir uma combinação, de acordo com as pessoas, que pediram para não ser identificadas porque a informação é privada. Não há certeza de que as deliberações levarão a uma transação, disseram as pessoas para a rede de notícias.

As ações do Carrefour acumulam alta de 10% este ano em Paris, levando a empresa a capitalização de mercado de 12,6 bilhões de euros (US\$ 15,4 bilhões) no fechamento de terça-feira. A Couche-Tard é avaliada em quase US\$ 37 bilhões em Toronto. Representantes da Couche-Tard e do Carrefour não foram encontrados imediatamente para comentar o assunto.

No Brasil, as ações da companhia fecharam entre as maiores altas do dia, com salto de 6,05%, cotadas a R\$ 20,15. Os papéis ganharam força nos minutos finais do pregão, após a divulgação da notícia.

A aquisição do Carrefour ajudaria a Couche-Tard a se diversificar no ramo de supermercados e a expandir sua presença na Europa e na América Latina. Qualquer transação se somaria aos US\$ 182 bilhões em negócios anunciados no setor de varejo nos últimos 12 meses, de acordo com dados compilados pela Bloomberg.

Após anos de estagnação em seu negócio principal na França, o Carrefour tem buscado uma reviravolta sob o comando do CEO Alexandre Bompard. Ele tem cortado custos ao reduzir os hipermercados gigantes da empresa, que vendem de tudo, de produtos a roupas e utensílios domésticos, enquanto se expande em e-commerce e alimentos orgânicos.

A Couche-Tard tem uma rede de mais de 9.000 lojas de conveniência na América do Norte, a maioria das quais também oferece venda de combustível, de acordo com seu site. A empresa também possuía cerca de 2.700 pontos na Europa em outubro do ano passado.

A empresa tem se expandido através de aquisições, após acertar compra da operadora de posto de gasolina nos EUA CST Brands por cerca de US\$ 4 bilhões. A Couche-Tard ganhou uma base na Escandinávia e na região do Báltico por meio de sua compra em 2012 da Statoil Fuel & Retail ASA.